

ELSINORE

Ali Smith

Finalista do Man Booker Prize 2014

Vencedora do Costa Book Award 2014

Vencedora do Baileys Women's Prize for Fiction 2015

UMA E OUTRA COMO SER

«Herdeira de Virginia Woolf, Ali Smith reinventa o romance de uma forma subtil e decisiva. (...) Tem provado, a cada livro, que a única coisa previsível na sua extraordinária obra é a certeza da reinvenção.»

The Telegraph

Obrigada, Daniel Chatto, Polly Dunn,
Robert Gleeson, Jamie McKendrick,
Cathy Moore, Sarah Pickstone,
Matthew Reynolds, Kadya Wittenberg
e Libbi Wittenberg

Um obrigada muito grande e especial a Kate Thomson

Obrigada, Andrew, Tracy e a toda a gente na Wylie's

Obrigada, Simon, e obrigada, Anna

Obrigada, Xandra

Obrigada, Mary

Obrigada, Emma

Obrigada, Sarah

PERMISSÕES

Excerto de «Introduction» por Hannah Arendt, de *Illuminations*, de Walter Benjamin. Introduction copyright © 1968 by Hannah Arendt.

Reimpresso com a autorização de Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company. Todos os direitos reservados.

Letra de *Being Boring*, escrita por Neil Tennant e Christopher Lowe, editado por Sony/ATV Music Publishing (UK) Ltd.

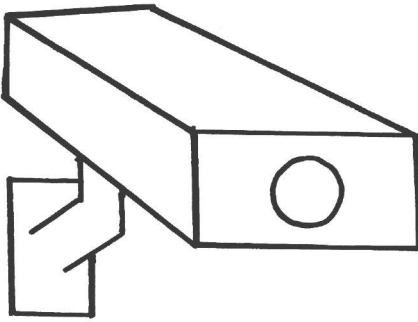
Excerto de *The Eel*, de *COLLECTED POEMS 1920-1954*, de Eugenio Montale, traduzido e editado por Jonathan Galassi.

Tradução © 1998, 2000, 2012 por Jonathan Galassi. Reimpresso com autorização de Farrar, Straus and Giroux, LLC.

Excerto de *Le Testament* (letra de Gilles Thibaut) © Société d'Éditions Musicales Internationales (S.E.M.I), 5, rue Lincoln, Paris (8e), França. Cortesia de Société d'Éditions Musicales Internationales (S.E.M.I).

*Para Frances Arthur
E toda a gente que a fez,
Para recordar
Sheila Hamilton,
uma obra de arte humana,
e para Sarah Wood,
artista.*

UM



Pensa no seguinte dilema moral por um momento, diz a mãe de George a George, que está sentada no banco do passageiro. Diz, não. Disse.

A mãe de George está morta.

Que dilema moral?, diz George.

Ocupar o lugar do passageiro no carro alugado é estranho, estar no lado destinado ao lugar do condutor no país onde vive. Deve ser um bocado como conduzir, mas sem a, bem, condução propriamente dita.

Muito bem. És uma artista, diz a mãe dela.

Sou?, diz George. Desde quando? E isso é um dilema moral?

Ah! Ah!, diz a mãe. Faz-me lá a vontade. Imagina. És uma artista.

Esta conversa tem lugar em maio passado, quando a mãe de George ainda está viva, obviamente. Está morta desde setembro. Agora é janeiro, mais precisamente instantes depois das vinte e quatro horas na noite de Passagem de Ano, o que significa que acabou de passar a ser o ano a seguir ao ano em que a mãe de George morreu.

O pai de George saiu. É melhor do que estar em casa, a choramingar na cozinha ou a andar pela casa a acender e a apagar coisas. Henry dorme. Ela acabou de entrar e foi espreitá-lo no quarto; estava morto para o mundo, embora não tão morto quanto o significado literal da palavra morto quando usada no sentido de, bem, morto.

Este será o primeiro ano em que a mãe dela não esteve viva desde o ano em que nasceu. Algo de tal maneira óbvio que

é estúpido sequer pensar nisso e todavia algo de tal maneira terrível que não é possível não pensar nisso. Ambas as coisas em simultâneo.

Seja como for, George passa os primeiros minutos do novo ano a pesquisar a letra de uma canção antiga. Let's Twist Again. Letra de Kal Mann. É bastante má. Let's twist again like we did last summer. Let's twist again like we did last year. Segue-se uma rima mesmo má, uma rima que, na verdade, nem sequer é uma rima.

Do you remember when
Things were really hummin'.

Hummin não rima com summer, o verso não termina com um ponto de interrogação, e será que a ideia era dizer, literalmente, *lembras-te daquele tempo em que as coisas cheiravam mesmo muito mal?*

Depois Let's twist again, twisting time is here. Ou, como aparece escrito em todos os sites, twistin' time.

Pelo menos utilizaram um apóstrofo, diz a George de antes de a mãe morrer.

Estou-me cagando se um site qualquer na Internet se preocupa ou não com a correção gramatical, diz a George de depois.

Essa coisa do antes e do depois tem que ver com o luto, é o que as pessoas insistem em dizer. Falam vezes sem conta sobre como o luto tem fases. Não há consenso quanto ao número de fases do luto. Há três, ou cinco, algumas pessoas dizem haver sete.

Dá mesmo a impressão de que o letrista não se deu ao trabalho de pensar na escolha das palavras. Talvez também estivesse numa das três, cinco ou sete fases do luto. Fase nove (ou vinte e três ou cento e vinte e três ou ad infinitum, porque nunca nada tornará a não ser assim) : nesta fase, deixará de fazer diferença se as letras da canção significam alguma coisa. Na verdade, detestar-se-ão quase todas as canções.

Mas George tem de encontrar uma canção para que se execute aquela dança específica.

O facto de esta ser aparentemente tão contraditória e desprovida de significado é sem dúvida um bónus. Terá sido precisamente o motivo pelo qual vendeu tanto e deu tanto que falar na época. As pessoas gostam que as coisas não tenham demasiado significado.

Muito bem, estou a imaginar, diz George no lugar do passageiro no passado mês de maio em Itália exatamente ao mesmo tempo que George em sua casa na Inglaterra no mês de janeiro seguinte atenta à ausência de significado das palavras de uma canção antiga. Do lado de fora da janela do carro, Itália desfralda-se em redor e por cima delas tão quente e amarela que parece ter sido decapada a jato de areia. No banco de trás, Henry funga ligeiramente, os olhos fechados, a boca aberta. O cinto de segurança atravessa-lhe a testa, de tão pequeno que é.

És uma artista, diz a mãe, e estás a trabalhar num projeto com muitos outros artistas. E toda a gente envolvida no projeto recebe o mesmo, do ponto de vista salarial. Mas *tu* acreditas que o *teu* trabalho vale mais do que o montante que todos os intervenientes no projeto, incluindo tu própria, recebem. À conta disso, escreves uma carta ao homem que encomendou o trabalho e pedes-lhe que te dê mais dinheiro do que aquele que todos os outros estão a receber.

Valho mais?, diz George. Sou melhor do que os outros artistas?

Isso importa?, diz a mãe. É isso que importa?

Sou eu que valho mais, ou é o trabalho?, diz George.

Muito bem. Continua, diz a mãe.

Estamos a falar de uma coisa real?, diz George. Hipotética?

Isso importa?, diz a mãe.

É algo que já tem resposta na realidade, mas cujo conceito da coisa estás a usar para me testares, apesar de já teres uma opinião mais do que formada sobre ela?, diz George.

É possível, diz a mãe. Mas não estou interessada naquilo que eu penso. Estou interessada naquilo que tu pensas.

Normalmente não te interessas por nada do que eu penso, diz George.

Que comentário tão adolescente, George, diz a mãe.

Eu *sou* adolescente, diz George.

Bem, sim. Nesse caso, está explicado, diz a mãe.

Faz-se um brevíssimo silêncio, ainda dentro dos limites do razoável, mas, se ela não ceder um bocado e depressa, George sabe que a mãe, que há semanas se vem mostrando irritadiça, imprevisível e angustiada por causa de problemas no seu paraíso privado conhecido pelos leigos como a amizade com aquela mulher que dá pelo nome de Lisa Goliard, começará por adotar uma postura distante e depois ficará claramente sisuda e mal-humorada.

Está a acontecer agora ou no passado?, diz George. O artista é uma mulher ou um homem?

E alguma dessas coisas importa?, diz a mãe.

Qualquer uma, diz George. Sendo cada uma singular.

Mea maxima, diz a mãe.

Não percebo porque é que não atinas, nunca, diz George. E não digo isto no sentido em que estás a pensar. Se disseses a expressão sem a palavra culpa, significa apenas *sou a mais*, ou *sou a máxima*, ou *a mim pertencem as máximas*, ou *a minha mais*.

É verdade, diz a mãe. Sou a mais máxima. Mas a mais máxima quê?

Passado ou presente?, diz George. Homem ou mulher? Não pode ser ambas as coisas. Tem de ser uma ou outra.

Quem disse? Porque é que tem de ser?, diz a mãe.

ARRE, diz George demasiado alto.

Não levantes a voz, diz a mãe inclinando repentinamente a cabeça para trás na direção do banco traseiro. A menos que queiras que ele acorde, o que, a acontecer te obrigará a entretê-lo.

Não. Posso. Responder. À. Tua. Questão. Moral. A. Menos. Que. Saiba. Mais. Pormenores, diz George sotto voce, expressão que em italiano, embora George não fale italiano, significa literalmente por baixo da voz.

A moral precisa de pormenores?, sussurra a mãe.

Valha-me Deus, diz George.

A moral precisa de Deus?, diz a mãe.

Falar contigo, diz George ainda por baixo da voz, é como falar com uma parede.

Oh, muito bem, minha menina, muito bem, diz a mãe.

Exatamente em que medida é que o que eu disse está muito bem?, diz George.

Na medida em que este trabalho, este artista e este dilema em particular são, todos eles, sobre paredes, diz a mãe. Que é para onde te estou a levar.

Sim, diz George. A trepar pelas paredes.

A mãe solta uma gargalhada sonora, tão sonora que depois de terminada ambas se viram para ver se Henry acorda, o que não acontece. Este tipo de riso da mãe tem rareado tanto que quase parece normal. George fica de tal maneira agradada que sente a pele do rosto ruborescer.

E o que acabaste de dizer está gramaticalmente incorreto, diz.

Não, não está, diz a mãe.

Está sim, diz George. A gramática é um conjunto finito de regras e acabaste de violar uma.

Não subscrevo essa crença, diz a mãe.

Não me parece que se possa chamar à linguagem uma crença, diz George.

Subscrevo a crença, diz a mãe, de que a linguagem é um organismo vivo em permanente crescimento e mutação.

Não me parece que essa crença te venha a valer um lugar no céu, diz George.

A mãe volta a soltar uma verdadeira gargalhada.

Não, ouve, um organismo, diz a mãe –

(e na cabeça de George irrompe subitamente a capa do velho livro brochado chamado Como Atingir um Bom Orgasmo que a mãe guarda numa das suas mesas de cabeceira, dado à estampa muito antes de George ter nascido, do período da vida da mãe em que ela era, palavras da própria, jovem e lépida à sombra das macieiras)

—, que obedece às próprias regras e as altera como bem entende e o significado do que disse é perfeitamente claro portanto a gramática que usei é perfeitamente aceitável, diz a mãe.

(Como Atingir um Bom Organismo.)

Bem. Gramaticalmente deselegante, então, diz George.

Aposto que nem sequer te lembras do que eu disse, diz a mãe.

Para onde te estou a levar, diz George.

A mãe afasta ambas as mãos do volante num gesto de desespero fingido.

Como é que eu, a mais máxima não pedante de todas as máximas não pedantes do mundo, fui dar à luz tamanha pedante? E por que raios não tive eu o discernimento de te afogar à nascença?

É esse o dilema moral?, diz George.

Pensa nele, por um momento, sim, porque é que não o fazes, diz a mãe.

Não, não faz.

A mãe não diz.

A mãe disse.

Porque, se as coisas acontecessem de facto em simultâneo seria como ler um livro mas um livro no qual sobre cada linha do texto tivesse sido impressa uma outra, como se cada página fosse na verdade duas páginas mas com uma sobreposta à outra de maneira que a tornasse ilegível. Porque é Ano Novo e não maio, e o país é Inglaterra e não Itália, e lá fora chove a cântaros e apesar do (mesmo muito) ruído da chuva é possível ouvir o estúpido fogo de artifício que as pessoas compraram para celebrar a entrada no novo ano rebentar uma e outra vez qual guerra em pequena escala, porque as pessoas estão lá fora debaixo da chuva torrencial, a chuva a martelar-lhes nas taças de champanhe, os seus rostos erguidos a observarem o próprio (lamentavelmente) inadequado fogo de artifício a iluminar-se para logo a seguir se apagar.

O quarto de George fica nas águas-furtadas da casa e desde que fizeram obras no telhado no verão passado uma fenda abriu-se na extremidade da inclinação. Um pequeno regato atravessa-a de

sempre que chove, atravessa-a neste preciso momento, *feliz Ano Novo, George! Feliz Ano Novo para ti também, chuva*, e escorre num fio de contas no espaço entre o reboco e a placa de gesso cartonado, gotejando depois sobre os livros empilhados em cima da estante. Ao longo das semanas em que tal vem acontecendo, os pósteres começaram a descolar-se porque a goma adesiva não adere a uma parte da parede. Por baixo deles, um conjunto de manchas castanho-claras, como o mapa da rede formada pela raiz de uma árvore, ou um conjunto de veredas rurais, ou bolor mil vezes ampliado, ou as veias que se tornam visíveis no branco dos olhos quando se está cansado — não, nada que se assemelhe a nenhuma destas coisas, porque pensar estas coisas não passa de um jogo estúpido. A humidade entra e mancha a parede, e é só.

George não disse nada ao pai a respeito disso. As vigas do telhado vão apodrecer e depois o telhado vai desabar. Acorda com uma compressão no peito e com uma congestão nasal de cada vez que chove durante a noite, mas, quando o telhado aluir, todos os episódios de incapacidade respiratória terão valido a pena.

O pai nunca lhe entra no quarto. Não faz ideia de que está a acontecer. Com alguma sorte só descobrirá quando já for tarde demais.

Já é tarde demais.

A perfeita ironia disto tudo é que o pai trabalha numa empresa de reparação e substituição de telhados. O trabalho consiste em ir a casa das pessoas com uma minúscula câmara rotativa que tem uma luz acoplada e que ele fixa na extremidade das hastes mais comumente utilizadas para limpar chaminés. Liga a câmara ao ecrã portátil e empurra-a pela chaminé acima. Depois, quem estiver interessado em saber e tiver 120 libras para desembolsar, pode ver o aspeto da chaminé dele ou dela por dentro. Se a pessoa interessada em saber tiver mais 150 libras para despender, o pai pode facultar-lhe um registo gravado das imagens, para que ele ou ela possam ver o interior da chaminé da qual ele ou ela são proprietários quando ele ou ela bem entenderem.

Eles. Toda a gente diz eles. Porque é que George não há de fazer o mesmo?

Quando eles bem entenderem.

Enfim, o quarto de George, com o tempo, o clima adverso suficiente e a dose certa de negligência, abrir-se-á ao céu, a toda esta chuva, cuja quantidade as pessoas na televisão insistem em classificar de bíblica. Noite após noite, as notícias que passam na televisão são sobre o sem-número de inundações que têm ocorrido de uma ponta à outra do país desde bem antes do Natal (embora não tenha havido nenhuma inundaçã aqui, diz o pai, porque o sistema de drenagem medieval desta cidade continua a revelar a mesma eficácia de sempre). O quarto dela ficará manchado de gordura cinzenta e de depósitos de imundície que a chuva absorveu e transporta, a imundície que o ar absorve todos os dias do simples facto da vida na Terra. Tudo neste quarto apodrecerá. E ela terá o prazer de o testemunhar. As tábuas do soalho entortar-se-ão nas extremidades, arquearão, racharão nos sítios onde estão pregadas e desprender-se-ão da cola.

Deitar-se-á na cama com todos os cobertores afastados e ficará diretamente voltada para as estrelas, nada entre si e os há muito exauridos olhos delas.

George (para o pai) : Achas que, depois de morrermos, continuamos a ter memórias?

O pai de George (para George) : Não.

George (para a Sra. Rock, a psicóloga da escola) : (mesmíssima pergunta).

Sra. Rock (para George) : Achas que precisamos de memórias depois de morrermos?

Oh, muito astuto, muito astuto, julgam-se tão astutos a responder sempre a perguntas com perguntas. Embora de uma maneira geral a Sra. Rock seja boa pessoa. A Sra. Rock é firme como uma rocha, insistem os professores da escola em dizer, como se julgassem ter sido as primeiras pessoas a dizê-lo, quando sugerem a George que consulte a Sra. Rock, *ela é uma rocha, sabes,*

dito depois de aclararem a garganta e perguntarem a George como tem passado e repetido depois de saberem que George já está a ser consultada por ela e conseguiu trocar os dois blocos semanais de Educação Física por uma série de sessões de Rock. Sessões de Rock! Riem-se da piada de George e a seguir aparentam embaraço, porque se riram quando deveriam ter-se mostrado atenciosos e ostentado uma expressão de pesar, e terá George sequer sido capaz de *fazer* uma piada, será que *fez*, considerando a profunda tristeza que sentirá e tudo o mais?

Como te sentes?, disse a Sra. Rock.

Estou bem, disse George. Acho que é por achar que não estou.

Estás bem por achares que não estás bem?, disse a Sra. Rock.

A sentir, disse George. Acho que estou bem por achar que não estou a sentir.

Achas que não estás a sentir?, disse a Sra. Rock.

Bem, se estiver, é como se fosse ao longe, disse George.

Se estás a sentir, é ao longe?, disse a Sra. Rock.

É como ouvir sempre o som de alguém a abrir um buraco numa parede com um berbequim, não na nossa parede, mas numa parede que parece estar muito próxima, disse George. Tipo, suponhamos que um dia somos despertados pelo ruído de alguém na nossa rua que está a fazer uma obra qualquer na casa dele ou dela e o que ouvimos não é só o barulho da broca, sentimos-lo na nossa própria casa, apesar de estar a acontecer a várias casas de distância.

É esse o caso?, disse a Sra. Rock.

Qual?, disse George.

Hum, disse a Sra. Rock.

Em qualquer dos casos, em ambos os casos, a resposta é sim, disse George. É ao longe e é como uma broca a abrir um buraco numa parede. Seja como for, já não dou importância à sintaxe. Portanto, as minhas desculpas pelo incómodo causado por aquele último qual.

A Sra. Rock pareceu genuinamente confusa.

Escreveu qualquer coisa no bloco de notas. George viu-a fazê-lo. A Sra. Rock reergueu os olhos na direção de George. George encolheu os ombros e fechou os olhos.

Porque, pensou George enquanto estava ali sentada de olhos fechados antes do Natal na deliberadamente confortável poltrona no gabinete da Sra. Rock, como é possível que haja um anúncio na televisão com bananas dançantes a descascarem-se a si mesmas e saquetas de chá que executam uma coreografia sem que seja possível, algum dia, que a mãe o veja? Como pode o mundo ser tão vulgar?

Como pode esse anúncio existir e a mãe não existir no mundo?

Não o disse em voz alta, todavia, porque de nada servia.

A questão não está em dizer.

A questão está no buraco que se abrirá no telhado através do qual o frio se intensificará e depois do qual a estrutura da casa começará a alterar-se, como é expectável, e através do qual George poderá observar o céu preto todas as noites deitada na sua cama.

É agosto passado. A mãe está sentada à mesa da sala de jantar a verbalizar o que lê na Internet.

Esta noite os observadores de meteoros estão com sorte, está a mãe a dizer. Com as previsões de céu limpo para a chuva de meteoros das Perseidas em grande parte do Reino Unido, deverão ser visíveis até sessenta estrelas-cadentes por hora entre a noite de segunda-feira e a madrugada de terça-feira.

Sessenta estrelas-cadentes!, diz Henry.

Corre vezes sem conta em redor da mesa a grande velocidade, produzindo o som iiii ao mesmo tempo.

A apresentadora do boletim meteorológico da Sky News, Sara Pennock, diz a mãe, disse que os aguaceiros desaparecerão durante a noite, dando a muitas pessoas a oportunidade de assistir ao espetáculo astronómico.

A seguir a mãe ri.

Sky News!¹, diz a mãe.

¹ Literalmente, «notícias do céu». [N. do T.]

Henry. Dor de cabeça. Já chega, diz o pai.
Apanha Henry, ergue-o no ar e vira-o de cabeça para baixo.
Iiiiiiiiiiii, diz Henry. Sou uma estrela, estou a chover, e ser virado de cabeça para baixo não me vai impediíiiiiiiiiiiir.
Não é mais do que poluição, diz George.
Não o vais dizer quando as vires chover tão belas por encima da tua cabeça, diz a mãe.
Por cima, diz George.
Cada meteoro é um grão de pó de um cometa que se pulveriza ao entrar na nossa atmosfera a uma velocidade de cerca de sessenta quilómetros por segundo, lê a mãe.
Isso não é muito rápido, diz Henry virado ao contrário por baixo do pulôver que lhe caiu sobre o rosto. Os carros andam a cinquenta.
Por segundo, não por hora, diz George.
Cerca de duzentos e vinte e cinco mil quilómetros por hora, lê a mãe.
Uma velocidade extraordinariamente lenta, na verdade, diz Henry.
Começa a cantar palavras.
Carro de corrida e estrela caída, carro de corrida e estrela caída.
É excitante, diz a mãe.
Noite muito fria, diz George.
Não sejas desmancha-prazeres, George, diz a mãe.
Ia, diz George, porque esta conversa tem lugar na altura em que começou a insistir com a mãe e com o pai para que, de cada vez que mencionassem o nome dela, o pronunciassem o seu nome completo.
A mãe gargalha sonoramente.
O que foi?, diz George.
É que quando dizes isso, bem. Parece que estás a dizer uma coisa engraçada dos meus tempos de juventude, diz a mãe. Era o que nós costumávamos dizer para caricaturar os putos ricos. Lembras-te, Nathan?
Não, diz o pai.

Iá, George, iá, diz a mãe, fingindo-se uma rapariga snobe do passado.

George pode optar entre reagir ou ignorar. Opta por ignorar.

Em todo o caso, não conseguiríamos ver nada, diz. Haverá demasiada iluminação local.

Apagamos as luzes todas, diz a mãe.

Não me refiro às luzes da nossa casa. Refiro-me às luzes de Cambridge inteira, diz George.

Apagamos também todas essas luzes, diz a mãe. *Mais intensa por volta da meia-noite.* Certo. Eu sei. Podemos meter-nos todos no carro e sair da cidade em direção a Felbourn, ao lado de lá da vila, e assistir à chuva de estrelas a partir daí, Nathan, o que achas da ideia?

Acordo às seis, Carol, diz o pai.

Muito bem, diz a mãe. Ficas em casa com o Henry, e eu e a George, a George iá, quero eu dizer, vamos.

Eu e a Georgia, diz George. E eu não vou.

Com isso são três George iás que não vão, diz a mãe. Muito bem. Vocês as três e o vosso pai podem ficar em casa com o Henry e eu vou sozinha. Nathan, a cara dele está a ficar muito vermelha, pousa-o no chão.

Não, porque eu *quero* ver as sessenta estrelas, diz Henry ainda de cabeça para baixo. Quero vê-las mais do que qualquer outra pessoa aqui nesta sala.

Diz aqui que é possível que venham a cair bolas de fogo, diz a mãe.

Quero muito ver bolas de fogo, na verdade, diz Henry.

Não é mais do que poluição. E satélites, diz George. Não há nenhuma razão para excitações.

Misse Lamentação, diz o pai ao mesmo tempo que agita Henry no ar.

Menina Lamentação, diz a mãe.

Perdoe-se-me o ato de incorreção política digno de fazer parar o mundo, diz o pai.

Di-lo suavemente e com uma dupla intenção, cómica e mordaz. Prefiro Misse, diz George. Até ao dia em que passar a ser, bem, doutora Lamentação.

Demasiado nova para perceber a importância política de optar por ser tratada por menina, diz a mãe.

Estas palavras tanto podiam ser dirigidas a George como ao pai. O pai é dez anos mais novo do que a mãe, o que significa, como a mãe gosta de dizer, que a formação da sua identidade assentou em educações políticas bastante diferentes, sendo a principal diferença uma infância sob a governação de Thatcher *versus* uma adolescência tardia sob a governação de Thatcher.

(Thatcher foi uma primeira-ministra que ocupou o cargo algum tempo depois de Churchill e muito antes do nascimento de George, e que, segundo uma das mais célebres Mensagens Subversivas da mãe, deu à luz um Blair bebé, alguém de quem George se lembra de ter sido primeiro-ministro quando era pequena, ele de fralda e tal, mas de corpo já plenamente desenvolvido e, com exceção da fralda, completamente nu numa ogiva — não do tipo arquitetónico, mas daquelas que se instalam nos mísseis —, com Thatcher toda bochechas inchadas a soprar-lhe o cabelo e o Blair bebé com uma mão sobre o entrepernas e a outra timidamente no peito e a legenda em baixo: O Vão Nascimento de Vê-nos. Essa Mensagem Subversiva, recorda George na memória, estava em toda a parte. Era curioso vê-la em todos os jornais e na Internet e saber e não poder dizer a ninguém que fora a sua mãe quem premira o botão que ditara a sua disseminação pelo mundo.)

Todavia, o que a diferença de idades entre os pais significa do ponto de vista prático é que se separaram em duas ocasiões, embora até à data tenham voltado a juntar-se em duas ocasiões.

E suponho que os tempos em que pelo menos demonstravas abertura perante as minhas visões feministas já se esfumaram há muito, mas não me vou queixar, uma vez que de nada servirá, e que a história do feminismo nos ensina a nunca esperarmos qualquer tipo de abertura, e quando puseres essa criança no chão,

tenta não o fazer com demasiada brusquidão, sob pena de lhe partires o pescoço, diz a mãe sem erguer os olhos do ecrã. E, George. Ou seja lá qual for o teu nome. Se deixares passar a oportunidade de assistires a isto comigo, vais arrepender-te para o resto da vida.

Não, não vou, diz George.

Diz, não. Disse.

Figurou na necrologia do The Independent, porque, embora a mãe de George não fosse famosa como as pessoas que habitualmente nela figuram, e embora já não possuísse o estatuto de professora efetiva na faculdade, ainda desempenhava um cargo importante num centro de investigação e ocasionalmente publicava artigos de opinião no The Guardian e no The Telegraph, e por vezes também nas edições europeias de jornais norte-americanos, e passou a ser conhecida por muito mais gente depois de revelada nos jornais a questão da guerrilha na Internet. *Dra. Carol Martineau, Economista, Jornalista, Intervencionista Com Papel Ativo em Guerrilha na Internet, 19 de novembro de 1962 – 10 de setembro de 2013, cinquenta anos. No primeiro parágrafo diz, mulher do Renascimento. Diz infância passada na região da cordilheira escocesa de Cairngorms, percurso académico em Edimburgo, Bristol e Londres. Diz artigos e palestras ideologia rácio entre rendimentos desigualdades salariais consequências ideológicas e práticas aumento da pobreza no Reino Unido. Diz tese sustentada pelo reconhecimento do FMI da desigualdade e abrandamento do crescimento e da estabilidade. Menciona a sua principal preocupação, interesse do Executivo na manutenção do baixo custo salarial da mão de obra. Diz descoberta há três anos Martineau uma das influentes agentes anónimas do movimento artístico de Mensagens Subversivas de natureza satírica online milhares de apoiantes e imitadores.*

Diz trágica reação alérgica desconhecida a antibiótico convencional.

A última coisa que diz é sobreviveram-lhe. O que significa morta. Marido Nathan Cook e os dois filhos do casal.

Tudo significa morta.

Tudo significa que a mãe de George desapareceu da — ou, melhor dizendo, desapareceu para debaixo da — face da terra.

Todos os dias, antes do trabalho, a mãe de George, quando estava viva (porque agora não pode propriamente fazê-lo, na medida em que está, pronto, morta), tinha por hábito fazer uma série de alongamentos e exercícios para se manter em forma. Terminada a atividade, executava sempre uma dança na sala de estar do início ao fim de uma canção que tinha na playlist do telemóvel.

Iniciara essa rotina um par de anos antes. Todos os dias levava com os risos de escárnio coletivos motivados pelos seus passos de dança no meio dos móveis, os auscultadores maiores do que as orelhas.

George decidiu que, desde o primeiro dia e até ao último deste primeiro ano em que a mãe não estará viva, não se limitará a usar diariamente uma peça de roupa ou adereço preto algures na sua pessoa; também executará, dia após dia, a dança da década de 1960 em honra dela. Tal decisão só é problemática na medida em que George terá de ouvir canções enquanto o faz, e ouvir canções conta-se entre as coisas que já não é capaz de fazer sem ser acometida por uma espécie de tristeza que se traduz numa dor real no peito.

O telemóvel da mãe de George foi um dos objetos que desapareceram no pânico e no rescaldo. Ainda não apareceu, apesar de a casa continuar exatamente como estava, pejada de um sem-número de outras coisas suas no lugar onde ela as deixou. Tê-lo-ia consigo. Desapareceu entre a estação de caminhos de ferro e o hospital. O número foi desativado, presumivelmente pelo pai. Agora, se se tentar ligar, a mensagem que se ouve é a voz gravada que diz o número para o qual ligou não se encontra atribuído.

George acredita que o telemóvel da mãe terá sido levado por alguém que andava a vigiá-la.

O pai de George : George, já te disse. Pára de insistir nessa ideia paranoica.

A Sra. Rock : Então acreditas que o telemóvel da tua mãe foi levado por alguém que a andava a vigiar?

Todas as playlists da mãe estavam no telemóvel. A mãe era invulgarmente reservada em relação ao telemóvel. George apenas o espreitara numa ou em duas ocasiões (e em ambas se sentiu mal com o gesto, por razões diferentes). Nunca chegou a ver-lhe as playlists. Só passou os olhos por alguns e-mails e mensagens escritas. Nunca lhe ocorreu aceder às músicas. Eram as músicas da mãe. Seriam seguramente uma porcaria. Agora não faz nem nunca fará a mais pequena ideia de que canção ou canções a mãe ouvia todos os dias para executar a sua dança, fosse no comboio ou enquanto caminhava na rua.

Mas a dança que a mãe fazia era sempre aquela dança antiga da década de 1960, para a qual há lições disponíveis na Internet e até vários temas específicos.

Há um filme em formato Super 8 que a mãe convertera para digital, no qual a própria aparece em pequena por volta de 1965 a executar essa mesma dança com a mãe dela, a avó de George. George tem o ficheiro guardado no computador portátil e no telemóvel.

É uma avó que morreu bastante antes da chegada de George, embora George tenha visto fotografias antigas. Parece alguém de outro tempo. Bem, e é. É uma mulher muito jovem, de expressão grave mas bonita, uma desconhecida com cabelo escuro preso no alto da cabeça. O filme treme bastante e está carregado de sombras na parte superior, que é onde o rosto da avó tende a estar, porque o filme tem como verdadeira protagonista a mãe de George, que é muito mais pequena ali do que Henry é agora. Não terá mais de três anos. Veste um casaco de lã cor-de-rosa. É a coisa mais colorida do filme. George até consegue ver o pormenor, se puser a gravação em pausa, dos botões tipo pipa na frente, são pretos, e atrás daquela criança que é sua mãe está um ecrã de televisão apoiado em finas pernas oblíquas, do tipo de quando os ecrãs de televisão faziam bojo como as barrigas de pessoas obesas de meia-idade.

A mãe de George, encostada às pernas tapadas por meias da sua própria mãe, oscila num e noutro sentido em silêncio, e os bracinhos movem-se como quem dá cotoveladas. Tem uma expressão séria e carregada, mas também sorri; já nessa altura, a sua boca, quando sorria, desenhava a mesma linha reta e parece que, apesar de tão nova, já encara com civilidade mas também com determinação a necessidade de se concentrar. No filme tem *mesmo* de se concentrar por ser tão pequena e o casaco tão volumoso, tão maior e mais grosso do que ela que parece um minúsculo boneco de neve cor-de-rosa, como se estivesse destinada a tombar mais cedo ou mais tarde. De certo modo, tudo converge no facto de ela estar a equilibrar-se na sua totalidade, compactidade e pequenez contra algo que parece que irá acontecer e que, se chegar mesmo a acontecer, porá fim à dança. Mas nunca chega a acontecer, porque, imediatamente antes de o filme dar lugar a uma sequência de planos de cisnes e de barcos a remos num lago algures na Escócia, a dança termina, a mãe (em criança) ergue jubilosa os braços no ar e a senhora do cabelo preso no topo da cabeça (a avó de George) baixa os braços, pega na criança e ergue-a na direção da parte tremida da imagem, fazendo-a sair do enquadramento.

A parte da dança dura 48 segundos no portátil de George.

Trismo. Areia movediça. Poliomielite. Pulmão. Eis algumas das palavras de que a mãe de George tinha medo quando era pequena. (A George um dia perguntou-lhe.)

Tell Laura I Love Her. Eis um dos discos que a mãe adorava quando era pequena. One Little Robin In a Cherry Tree. Ouvi-los, começando com aquele ruído crepitante da agulha seguido da explosão das suas canções pirosas, é como poder viver o passado como se nele se houvesse entrado literalmente e se estivesse num lugar completamente diferente, absolutamente novo, no qual as pessoas cantam de facto estas canções, um passado de tal modo estranho que é como uma espécie de choque.

O choque do novo e do velho, ambos ao mesmo tempo, diz a mãe.

Disse.

Certa tarde, o pai de George traz para casa o gira-discos novo e quando finalmente descobre como o ligar ao leitor de CD, arrastam os velhos discos de vinil de debaixo das escadas.

Um rapaz chamado Tommy ama uma rapariga chamada Laura. Quer dar-lhe «tudo» (isso por si só é engraçado, aparentemente, a julgar pelo modo como os pais se partem a rir, ainda que tal ocorra num tempo em que George é demasiado nova para compreender o porquê), incluindo flores e presentes e — aquilo que ele mais lhe quer dar — uma aliança de casamento. Mas não tem dinheiro para lha comprar, de maneira que se inscreve numa corrida de stock cars, porque o prémio é de 1000 dólares (idiota, diz George, sim, receio bem que sim, diz a mãe, romântica, diz o pai, e nessa altura Henry é demasiado novo para dizer o que quer que seja). Tommy liga para a casa de Laura. Mas Laura não está. Portanto, pede à mãe que diga a Laura que ele a ama, que diga a Laura que precisa dela, que diga a Laura que não vai demorar, que tem algo a fazer que não pode esperar (ai, ai, diz a mãe, já é trágico de tão próximo. Ai é?, diz George. Como assim, de tão próximo? Romântica, diz o pai. No fundo, é a única coisa que a tecnologia faz, diz a mãe. Não faz outra coisa senão realçar o metafísico. O que é metafísico?, diz George. Uma palavra demasiado difícil para esta canção, diz o pai). Depois o carro que conduz irrompe em chamas e enquanto o arrancam moribundo da chapa retorcida pede-lhes que digam a Laura que ele a ama e que ela não deverá chorar porque o seu amor por ela perdurará.

Ela e a mãe e o pai choram a rir no tapete.

Porque é que guardaste este disco?, pergunta George à mãe. É mesmo mau.

Só agora me apercebi disso, mas, como é óbvio, guardei-o precisamente para que tu, eu e o teu pai viéssemos a ter a oportunidade de o ouvirmos hoje, diz a mãe, e desatam de novo à gargalhada.

Pensar naquele hoje daquele tempo neste hoje de agora, independentemente da fase do luto em que se encontre,

não desperta em George tristeza nem qualquer outro sentimento em particular.

Mas, na dúvida sobre se o disco serviria para a dança, desceu ao piso térreo imediatamente antes da Passagem de Ano, mas só depois de o pai ter saído, para não provocar nele qualquer sofrimento ao ouvir aquilo, e encontrou-o na pilha de discos de vinil mais pequenos ao lado do gira-discos (há um nome para os discos de vinil mais pequenos, mas não consegue lembrar-se de qual).

Deixou o volume muito baixinho. Pôs o disco. Estava algo deformado, pelo que as guitarras de abertura pareciam nauseadas, como se o disco estivesse enjoado, embora a própria George se sentisse bem, ou, melhor dizendo, não sentisse nada.

No entanto, definitivamente não servia, porque era demasiado lento.

A dança que a mãe executava todos os dias pedia uma cadência acelerada.

Em todas as outras Passagens de Ano, à meia-noite, a mãe tinha por hábito pegar num papel mesmo muito bom, do tipo que tem pétalas de flores verdadeiras na textura, e dar dois pedaços a George e outros dois ao pai. Depois, cada um deles (com exceção de Henry, que dormia, o que era importante, na medida em que o ritual implicava o uso de fogo) escrevia os seus desejos e esperanças para o ano vindouro num dos pedaços do papel e, no outro, as coisas que mais havia detestado no ano passado. A seguir — com o máximo cuidado para que os pedaços de papel não fossem misturados — dirigiam-se alternadamente para a pia, acendiam um fósforo, aproximavam a chama de um dos cantos do pedaço de papel que continha todas as coisas de que não haviam gostado e viam-no arder. Depois, quando já não era possível segurá-lo sem queimar a mão, era cuidadosamente largado na pia (o ato de largar o papel era o principal propósito do ritual, costumava dizer a mãe) e, depois de ardido, a torneira era aberta para que as cinzas desaparecessem pelo ralo.

Este ano George não tem nenhum desejo nem esperança.

O pedaço de papel à sua frente está em branco, com exceção das palavras PLANO DE ATIVIDADES DIÁRIAS PARA O QUE RESTA DAS FÉRIAS DO NATAL. Num dos lados escreveu números, as horas do dia. Em frente de 9h30 escreveu DANÇA.

É esse o motivo que explica a sua procura de canções apropriadas, poder estar preparada para começar imediatamente a seguir ao pequeno-almoço do dia seguinte (hoje).

Algum tempo antes, George entra no escritório da mãe e passeia-se por aí a mexer nas coisas pousadas sobre os livros nas prateleiras. A mãe ainda não está morta. A mãe está a trabalhar. Há pilhas de papéis por todo o lado.

George, diz a mãe sem desviar a atenção do trabalho.

Em que é que estás a trabalhar?, diz George.

Não tens trabalhos de casa para fazer?, diz a mãe.

Aquilo em que estás a trabalhar é sobre se eu tenho trabalhos de casa para fazer?, diz George.

George, diz a mãe. Não tires nada do sítio, pára de mexer nas coisas e vai tratar dos teus assuntos.

George aproxima-se e posta-se à esquina da secretária. Senta-se na cadeira ao lado da cadeira da mãe.

Estou um bocadinho entediada, diz.

Eu também, diz a mãe. Estou a analisar dados estatísticos. Preciso de me concentrar.

A boca dela é a estreita linha reta.

Porque é que guardas isto?, diz George ao pegar no pequeno frasco cheio de aparas de lápis.

O frasco era originalmente um frasco de alcaparras de Santorini, é o que se lê no que resta da etiqueta. Através do vidro é possível ver as diferentes madeiras dos diferentes lápis que a mãe tem usado. Uma camada é castanho-escuro. Outra é dourada. É possível ver as linhas de tinta, os minúsculos ziguezagues de cor que adquiriram a sua forma semelhante à das bordas das conchas de romeiro através do movimento giratório do lápis no afia.

Um dos lápis, consegue vê-lo, foi em tempos vermelho e preto (às riscas?). Um outro, azul-jaspeado. Outro ainda, verde, um verde-vivo mesmo bonito. George retira uma apara orlada de azul. Parece-se um pouco com uma mariposa de madeira. Envolve-a em redor do dedo. É delicada e desfaz-se em pedaços no momento em que a torce.

Guardo o quê?, diz a mãe.

George estende o frasco de aparas.

Qual é o propósito? Não faz ponta de sentido, diz.

Ponta. Ah! Ah!, diz a mãe. Essa teve piada.

Porque é que não afias os lápis para o caixote do lixo como uma pessoa normal?, diz George.

Bem, diz a mãe, puxando a cadeira para trás. Acho triste deitar as aparas fora, não gosto. Não enquanto não acabar o projeto no qual usei os respetivos lápis.

Parece-me um bocadinho patético, diz George.

Bem, sim, suponho que seja, diz a mãe. Literalmente. Acho que é por serem a prova de uma coisa qualquer. Hum. Mas a prova de quê?

George revira os olhos.

A prova de que afiaste lápis, diz George. Podes emprestar-me o dicionário por um bocadinho?

Usa o teu, diz a mãe. Põe-te a andar. E fecha a porta quando saíres, sua pestinha irritante e provocadora.

Repõe a cadeira na posição original e clica em qualquer coisa. George não sai imediatamente. Deixa-se ficar atrás da mãe, tira o volumoso dicionário da prateleira e abre-o usando a parede como apoio.

Passagem passeio pastelão participação pastiche patético ver abaixo de *pathos*. Qualidade que suscita a piedade. Patético. Que provoca piedade, dó ou tristeza. Tristemente inconveniente. (Interessante: inconveniente e triste.) Desprezível. Ridículo. Diz-se do grande músculo oblíquo do olho, que possibilita o movimento descendente do globo ocular, e do nervo troclear a ele ligado [ANATOMIA].

Só depois de George sair da divisão e fechar a porta é que percebe o que ela própria disse e o motivo pelo qual tinha piada.

Aparas de lápis. Ponta. A-hã!

Ocorre-lhe voltar a entrar e dizer

Já percebi!

Mas não sabe como, de maneira que não o faz.

(Propósito compreendido, pensa George agora, na primeira manhã do novo ano.)

PLANO DE ATIVIDADES DIÁRIAS PARA O QUE RESTA DAS FÉRIAS DO NATAL.

Por baixo de DANÇA, ao lado de 10h00, escreve a palavra JARDIM.

A palavra jardim significa aqui mais do que apenas jardim, porque há uns tempos (antes de setembro) George fartou-se de ouvir toda a gente na escola a falar constantemente da pornografia a que assistira na Internet. O facto de George nunca ter visto fizera-a sentir-se como que duplamente virgem. E decidiu ver e tirar as suas próprias conclusões. No entanto, não queria que Henry visse, porque ele só tem oito anos, bem, na altura era ainda mais novo, tinha sete. Isto não é discriminatório da parte dela. Henry procurará de moto próprio quando decidir que tem idade suficiente para isso. Isto é, se tiver oportunidade de esperar tanto tempo, na medida em que os putos também assistem livremente a estas coisas nos recreios das escolas primárias.

Assim sendo, George pegou no iPad e sentou-se no que restava da pérgula, onde podia controlar a eventual aproximação de alguém (em especial de Henry), e clicou nas primeiras imagens que apareceram, e de certa maneira foi interessante, extraordinário, na verdade, ver todas as coisas que viu, e começou a olhar com agrado para a decisão de ter ido para o jardim, longe da casa.

A princípio foi interessante. Foi bastante esclarecedor.

Tornou-se entediante e repetitivo bastante depressa.

Depois de tal acontecer, começou a interessar-se mais pelo número de sequências que precisavam de ter ou pelo menos

fingir ter uma história. Havia uma na qual uma mulher loira de cabelo comprido, na casa dos vinte anos, de corpo completamente nu nuns sapatos de salto alto, via os pulsos serem atados por uma mulher muito mais velha que envergava um vestido de noite decotado bastante elegante. A mulher mais velha levantou a cabeça da mais nova pelo queixo, após o que pegou num conta-gotas e o apertou, pondo gotas de um líquido qualquer nos olhos da mulher mais nova. Aparentemente, o líquido cegara a mulher mais nova. A mulher mais velha conduziu-a até uma sala que se parecia um pouco com um ginásio se um ginásio fosse pintado de preto e tivesse correntes suspensas dos espaldares; também um pouco à semelhança de um ginásio, havia máquinas e um sem-número de aparelhos na sala, bem como um semicírculo de homens e mulheres ostentando o mesmo tipo de traje de noite da mulher mais velha, como se todos tivessem ido a uma prestigiada cerimónia formal algures. A mulher mais nova não tinha conhecimento de nada disto. Não podia ver nada, por causa das gotas que lhe haviam sido postas nos olhos. Pelo menos era essa a história. Chegado a este ponto, o filme era interrompido para dar lugar à rápida sequência de um incontável número de cenas editadas que mostravam a natureza extrema do que estava prestes a acontecer à mulher cega, e que só podiam ser vistas integralmente mediante subscrição no site.

Conseguiria ver? Estaria mesmo cega? George ficou intrigada. Seria real? Ou a mulher estava apenas a encenar? E, a ser verdade que estava cega, que perdera a visão por causa do líquido que a mulher mais velha lhe pusera nos olhos, quanto tempo levaria até que o efeito passasse e ela recuperasse a visão? Pôr-se-ia a possibilidade de nunca mais voltar a ver? Talvez neste preciso momento estivesse algures no mundo a vaguear ainda cega. Talvez lhe tivessem dito que o efeito passaria e tal nunca tivesse acontecido, ou só tivesse acontecido parcialmente. Talvez qualquer coisa naquelas gotas tivesse provocado uma transformação no modo como via. Ou, por outro lado, talvez estivesse ótima

e tivesse uma acuidade visual de 20/20, independentemente do ponto de vista.

Uma acuidade visual de 20/20, independentemente do ponto de vista! Um oximoro. A-hã.

Depois havia um filme no qual uma mulher bastante velha, trintona, se deitava de costas e era fodida durante um curto espaço de tempo por um grande número de homens, a maior parte dos quais com máscaras como as que os assassinos usam nos thrillers que passam na televisão. De cada vez que um homem começava a fornicá-la, surgia um número. 7!! 8!! 9!! Depois os números passaram de 13!! 14!! para 34!! 35!! 36!! Supostamente eram quarenta homens ao todo. A cena deveria ter durado exatamente quarenta minutos, era o que o relógio no ecrã dizia, mas só durou cerca de cinco. Só aparecia aquela mulher, deitada de costas no que parecia ser uma mesa de centro, o que não terá sido nada confortável. Os olhos dela estavam fechados, ela era uma espécie de cor vermelha por todo o corpo, e também parecia que alguém tinha turvado ou manchado a lente, como se tivesse sido embaciada. No final do filme, as palavras no ecrã anunciavam que depois da gravação desta cena a *minha mulher* estava *grávida*. Seguidas de três pontos de exclamação. !!!

Porquê quarenta?, perguntava-se George no jardim, tendo as flores todas em movimento à sua volta e a ocasional sombra de uma borboleta que passava a desviar-lhe os olhos do iPad. Seria porque quarenta parece ser um número carregado de significado, um número mágico como quarenta dias e quarenta noites, quarenta anos no deserto, quarenta ladrões? Abre-te Sésamo! Ah! Ah! Não, era capaz de ser um bocado doentio. E seria a mulher no ecrã de facto a mulher da pessoa que fez o filme? E teria mesmo engravidado depois da gravação? Havia nisso um quê de interessante, como a observação de uma abelha-rainha a trabalhar numa colmeia. Mas por que motivo tinham tantos homens usado máscara? Tornava o filme mais excitante? Para quem? Ou talvez não quisessem que as próprias mulheres, ou os potenciais empregadores, caso fossem a

entrevistas de trabalho, suponhamos, depois de terem participado neste filme, os reconhecessem.

Depois, certa tarde, George havia clicado num filme em particular que a fez jurar a si mesma que assistiria àquele mesmo filme (ou a parte dele, dado que era bastante longo) uma vez por dia até ao fim dos seus dias.

Nele entrava uma rapariga que teria dezasseis anos, por causa dos impedimentos legais, mas que aparentava ser bastante mais nova do que George. Parecia ter cerca de doze. Nele entrava também um homem que parecia ter aproximadamente quarenta. Quando beijou a rapariga, quase lhe enfiou o rosto todo na boca. Passavam que tempos numa sala que fazia lembrar uma tenda de pastores mongóis a fazerem coisas e a pequenez resignada da rapariga aliada ao seu evidente desconforto e ao modo como parecia estar ali e ausente, ambas em simultâneo, como se tivesse sido drogada, como se lhe tivessem dado algo para que sentisse as coisas numa velocidade mais lenta do que aquela a que se desenrolavam, operara uma qualquer mudança nas estruturas do cérebro e do coração de George, e certamente dos olhos, de tal maneira que depois, quando George tentou assistir a mais filmes de teor sexual, aquela rapariga estava ali à espera por baixo de todos.

Mais. George descobriu que a rapariga também ali estava, pálida e angustiada com os olhos fechados e a boca aberta em forma de O, por baixo da superfície do programa de televisão que viu a seguir através do serviço de pesquisa de programas na Internet.

Estava nos vídeos dos Vampire Weekend no YouTube e quando o cachorrinho caía do sofá e o gato se empoleirava no aspirador que aspirava sozinho e aparecia a raposa de tal maneira domesticada que a pessoa a filmar podia afaçar-lhe a cabeça.

Estava por baixo dos pop-ups e dos anúncios no Facebook, e por baixo dos factos relacionados com a história das sufragistas no site da BBC que George consultou na escola.

Estava por baixo da notícia da mulher que tentou comprar um hambúrguer num McDrive montada no seu cavalo e que, depois de impedida de avançar na fila, desmontou do cavalo e levou-o consigo para o interior do edifício principal e encaminhou-se para o balcão de atendimento, onde tentou fazer o seu pedido. *A McDonald's lamenta informar que não é possível servir clientes montados a cavalo.*

Ao aperceber-se da presença daquela rapariga por baixo de tudo, incluindo disto, George pesquisou o histórico de navegação para encontrar o filme pornográfico. Clicou nele.

A rapariga tornou a aparecer sentada na beira da cama, retraída.

O homem tornou a exhibir um sorriso rasgado para a câmara e voltou a tomar a cabeça da rapariga nas mãos.

O que é que estás a fazer aqui fora, Georgie?, perguntou-lhe o pai há dois meses.

Novembro. Fazia frio. A mãe estava morta. George esquecera-se da rapariga há semanas, depois lembrou-se numa aula de Francês enquanto reviam o condicional. Chegara a casa e dirigira-se para o jardim e encontrara o filme e clicara nele. Pedira desculpa sotto voce à rapariga no filme, pelo descuido.

O pai saíra para depositar coisas nos caixotes do lixo. George estava na pérgula sem casaco. Ele percorreu o jardim, ela virou o ecrã na direção dele. Ao aproximar-se, ele abrandou.

Credo, George, disse. O que é que estás a fazer?

Queria fazer perguntas à mãe sobre isto, disse George.

Tencionava fazê-lo. Ia fazê-lo. Agora não posso.

Explicou ao pai que já tinha visto, e que queria ver outra vez, aquele filme daquela rapariga, todos os dias, para se lembrar de não se esquecer da coisa que tinha acontecido àquela pessoa.

Mas, George, disse o pai.

Explicou ao pai que o fazia em nome, por arrastamento, de todas as coisas injustas e erradas que constantemente aconteciam às pessoas.

George, é um gesto nobre da tua parte, disse o pai. Louvo-te a atitude.

Não é só uma atitude, disse George.

Honestamente, George, quando te vi aqui fora atenta ao ecrã, fiquei entusiasmado, disse. Pensei, bem, a Georgie está de volta, está a ver qualquer coisa no iPad, recuperou o interesse pelas coisas. Fiquei contente. Mas, querida. É horrível, isso que estás a ver. Não podes ver isso. E não te podes esquecer de que não foi pensado para pessoas da tua idade. *Eu* próprio não consigo sequer *olhar* para isso. Seja como for. Essa rapariga. Quer dizer. Provavelmente já aconteceu há anos.

Isso não é razão para não fazer o que estou a fazer, disse George.

Provavelmente foi muito bem paga para fazer o que fez, disse o pai.

George arregalou os olhos. Bufou.

Não posso acreditar no que acabaste de dizer, disse. Não posso acreditar que somos sequer da mesma família.

E o sexo não é isso. O sexo com amor. O sexo verdadeiro. O sexo entre pessoas que se amam, disse o pai.

Achas mesmo que sou idiota a ponto de não o perceber?, disse George.

E vais prejudicar a tua sanidade se continuares a ver coisas como essa, disse o pai. Vais fazer mal a ti própria.

O mal já aconteceu, disse George.

George, disse o pai.

Isto aconteceu de facto, disse George. *A esta* rapariga. E qualquer pessoa pode pura e simplesmente ver isto, tipo, acontecer, sempre que ele ou ela bem entender. E acontece pela primeira vez, vezes em conta, sempre que alguém que não tenha visto o filme clique nele e o veja. Portanto, quero vê-lo por uma razão completamente diferente. Porque o modo completamente diferente como vejo o filme é uma forma de mostrar reconhecimento a esta rapariga por tudo isso. Continuas sem compreender?

Ergueu o ecrã. O pai tapou os olhos com a palma da mão.

Sim, mas, George, disse o pai. Veres o filme, independentemente da razão pela qual entendes que o estás a ver ou tencionas ver, não fará nenhuma diferença real para a rapariga. Traduz-se apenas num aumento do número de visionamentos do filme em que ela entra. E, seja como for, não há maneira de teres a certeza, nunca o saberás. Há circunstâncias...

Tenho olhos, disse George.

Bem, está bem, mas então e o Henry?, disse o pai. E se ele vir?

Porque é que achas que estou aqui fora ao frio? Ele não vai ver. Pelo menos, não por minha causa. Quer dizer, é óbvio que acabará por ver filmes como este quando chegar a altura de os ver, disse George. E, de qualquer das formas, tu vês este tipo de coisas. Eu sei que sim. Toda a gente vê.

Por amor de Deus, disse o pai. Não posso acreditar no que acabaste de dizer.

Virara costas porque o iPad continuava voltado para ele e o filme ainda desfilava no ecrã. De costas para ela, começou a queixar-se. Os filhos das outras pessoas, as outras pessoas afortunadas, filhos normais com neuroses normais como recusarem-se a comer com outra colher que não a sua ou não comerem de todo ou vomitarem, cortarem-se, qualquer outra coisa que não aquela.

Estava meio a brincar e meio a não brincar.

George recostou-se na cadeira. Premiou o botão de pausa. Esperou até que o pai abandonasse o jardim.

Nesse mesmo dia, à noite, assistiu na companhia do pai ao Newsnight, o tipo de programa no qual aconteciam massacres e injustiças todos os dias — no caso de chegarem a ser notícia — que de imediato passavam a notícias de um passado distante, simplesmente deixavam de ser notícia. A mãe estava morta. O pai estava a dormir. Sentia-se extremamente cansado. Andava a dormir muito. Era por causa do luto. Quando acordou mudou de canal sem sequer olhar para George e pôs-se a ver um episódio da série UK Border Force num canal chamado Pick.

Quem haveria de dizer?, diz a mãe de George.

ELSINORE

Ali Smith

Finalista do Man Booker Prize 2014

Vencedora do Costa Book Award 2014

Vencedora do Baileys Women's Prize for Fiction 2015

COMO SER UMA E OUTRA

Romance-espelho que interliga dois mundos, *Como Ser Uma e Outra* é um e dois romances em simultâneo.

De um lado, George, uma rapariga de 16 anos a viver em Cambridge, apaixonada pelos frescos que adornam a Sala dos Meses do Palácio Schifanoia, em Ferrara, a braços com o mistério da morte da sua mãe, uma ativista política incómoda; do outro, a história de uma rapariga que, em plena Ferrara de Quatrocentos, é o alter ego do célebre pintor Francesco del Cossa, autor dos mesmos frescos.

Inventivo e lúcido, *Como Ser Uma e Outra* é uma reflexão moderna sobre género, arte e poder, e o ato de olhar, que reafirma a força de uma das vozes mais originais da ficção atual.